

A BARREIRA LINGUÍSTICA/CULTURAL NA TRADUÇÃO DO HUMOR FRANCÊS PARA O PORTUGUÊS BRASILEIRO

Silvania Márcia Bezerra Viana¹
Maria Carolina de Brito Alves²
Jacqueline Freitas Bezerra³

Resumo: Este artigo visa discutir as dificuldades linguístico-culturais enfrentadas pelo tradutor em textos de efeitos humorísticos, como em piadas, trocadilhos e metáforas. Falaremos do processo de tradução pelo qual deve passar o tradutor ao tentar manter o mesmo impacto na cultura de chegada. Como embasamento teórico, utilizaremos, dentre outros, os estudos de Rónai (2012, 2020), Burke (2009), e Venuti (1995). O intuito maior deste artigo é o de ampliar a discussão sobre a tradução de aspectos linguísticos, sociais e culturais através de exemplos que desafiam o tradutor.

Palavras-chave: Estudos da tradução. Tradução de humor. Tradução cultural. Língua Francesa. Língua Portuguesa.

Abstract: This article aims to discuss the linguistic-cultural difficulties faced by the translator in texts with humorous effects, such as jokes, puns, and metaphors. We will talk about the translation process that the translator must go through when trying to maintain the same impact on the target culture. As a theoretical basis, we will use, among others, the studies of Rónai (2012, 2020), Burke (2009), and Venuti (1995). The main purpose of this article is to broaden the discussion on the translation of linguistic, social, and cultural aspects through examples that challenge the translator.

Keywords: Translation studies. Translation of humor. Cultural translation. French language. Portuguese language.

1. INTRODUÇÃO

O tradutor enfrenta muitos desafios no exercício de seu ofício e vários deles acontecem devido às diferenças, não apenas linguísticas, como também culturais entre os idiomas com os quais trabalha. Traduzir vai muito além de encontrar um equivalente lexical na língua de partida. Rónai (2012) diz:

¹ Possui graduação em Letras com habilitação em Língua Portuguesa e Francesa com suas respectivas Literaturas pela Universidade Federal do Ceará (2003). Fez especialização (2011) e mestrado (2019) em Estudos da Tradução pela mesma universidade. Atualmente é doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução (PGET).

² Possui graduação em Letras Francês pela Universidade Federal do Ceará, Especialização e Mestrado em Estudos da Tradução pela mesma instituição. Atualmente, é professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico na Casa de Cultura Francesa/UFC, onde também é vice-coordenadora (setembro/2018 - setembro/2020), e doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução/PGET da Universidade Federal de Santa Catarina.

³ Graduada em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Ceará, possui Mestrado em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual do Ceará (1999) e Doutorado em Estudos da Tradução pela Universidade Federal de Santa Catarina (2020). É professora da Universidade Federal do Ceará (UFC), no Curso de Letras (Departamento de Letras Estrangeiras).

O que devemos traduzir é sempre algo mais, isto é, a mensagem. E não há duas línguas que exprimam uma mensagem de certa complexidade de modo completamente igual. A língua A ora explicita algo que na língua B fica subentendido; ora deixa de exprimir, por óbvio, algo que naquela exige uma ou várias palavras. (RÓNAI, 2012, p. 94)

Logo, fatores extralinguísticos devem atrair o olhar do tradutor para as particularidades do que traduz. Como exemplo, temos a tradução de textos humorísticos, que geram diversos desafios para o tradutor por serem carregados de aspectos linguísticos, sociais e culturais.

Para que possamos analisar a difícil tarefa de traduzir um texto humorístico, verificaremos, neste artigo, três materiais que envolvem o humor: uma piada, dois trocadilhos e, por último, um texto que contém uma imagem metafórica. Pretendemos relatar algumas das dificuldades de transpor, em outra língua, esse gênero textual, e refletir sobre as possíveis soluções de uma tradução criativa, que abranja o contexto e a finalidade do texto. Além de discutirmos os impasses desse tipo de tradução, proporemos soluções para os exemplos selecionados.

2. A TRADUÇÃO DE HUMOR E OS ASPECTOS LINGUÍSTICO-CULTURAIS

“Sempre que houver cruzamento de fronteiras, pode haver tradução cultural” (PYM, 2017, p. 272). Logo, os aspectos culturais e linguísticos são duas balizas para o tradutor. A cultura é uma realidade que está sempre em movimento, sempre evoluindo. Ela envolve formas variadas de expressão de uma sociedade, sua história num tempo particular, costumes e rituais, crenças, ideais e valores. Já a língua, numa definição bastante simplificada, é um sistema comunicativo existente nas sociedades através do qual recebemos, decodificamos e enviamos mensagens. Ela está intimamente ligada a um contexto e esse contexto só tem sentido quando analisado à luz da cultura dos falantes da qual ela faz parte. Assim, o tradutor deve levar em consideração, dentre outros fatores, duas características inerentes: o aspecto linguístico e o cultural.

No caso de textos humorísticos, deve-se observar o impacto que ele suscita no leitor. Bremmer e Roodenburg (2000) definem o humor como qualquer mensagem que provoque riso no receptor, seja por atos, palavras, escritos, imagens ou músicas. Por extensão, ressaltamos os trocadilhos, as piadas ou quaisquer jogos verbais que provoquem efeito emotivo (riso, surpresa, raiva, ironia). Entretanto, para resultar em humor, o receptor deve percebê-lo como tal, em outras palavras, o riso, esperado em situações cômicas, e o lúdico presente nos trocadilhos só serão percebidos se o leitor ou ouvinte compartilhar da mesma vivência linguística e cultural, caso contrário, o efeito não será atingido. Portanto, piadas ou trocadilhos, assim como qualquer outro tipo de texto, podem perder totalmente o sentido se traduzidos literalmente.

Para Tejerina (2012), o humor, apesar de ser um fenômeno universal, está limitado a fronteiras culturais e linguísticas. Ela classifica o humor em três noções básicas: a) todo texto humorístico se baseia no efeito perlocutório e seu propósito principal é provocar o riso; b) o humor pode fazer uso da própria linguagem como recurso de hilaridade; c) o humor tem um caráter subversivo e transgressor. Essa autora defende a ideia de que a prioridade em uma tradução humorística é a transmissão do mesmo efeito.

Baseando-se no conceito da autora supracitada, o tradutor de humor encontra-se constantemente diante de um enorme desafio, que é o de captar o efeito da mensagem da língua de partida e recriá-lo com um efeito análogo ou equivalente na língua de chegada. Desse modo, a criatividade do tradutor vale tanto quanto o seu conhecimento linguístico e cultural nas duas línguas em questão.

Ao falar sobre a tradução de humor, entende-se que os tradutores devem pensar nas traduções como negociações entre esses aspectos, pois a tradução lida com o outro. Esse “outro”

é de grande relevância, pois ele traz consigo um mundo novo, que embute na atividade do tradutor tanto semelhanças quanto disparidades. Nesse contexto, diz-se que a tradução funciona como a construção e reconstrução de sentidos para a leitura do significado. O tradutor, portanto, deve levar em conta a cultura dos falantes da língua de partida e a cultura daqueles a quem ele dirige o seu objeto de trabalho. Somente com um profundo conhecimento das duas línguas, o tradutor estará habilitado a reconhecer o valor artístico do texto original e poderá selecionar um equivalente funcional, para que suas escolhas atinjam um bom resultado na tradução.

No intuito de podermos analisar as dificuldades enfrentadas pelo tradutor, veremos, a seguir, exemplos que ilustram os percalços de se traduzir textos de linguagem específica como piadas, trocadilhos e metáforas da língua francesa para o português do Brasil. Nosso objetivo é o de tentar propor traduções e reflexões que conversem com a ideia proposta nos originais, pois segundo Haroldo de Campos (1992), a tradução de textos criativos será sempre uma recriação, ou uma criação paralela, autônoma, porém recíproca. Vale ressaltar que as reflexões acerca das traduções que aqui serão propostas não se esgotam em si, ao contrário, devem estimular os estudos sobre tradução criativa, bem como a prática tradutória.

2.1. AS PIADAS

Classificada como um texto narrativo de humor, a piada se caracteriza pela brevidade e pelo final inesperado (POSSENTI, 1998 e MUNIZ, 2004). Tipicamente anônima e de temática controversa, tal produção é fonte de manifestação cultural e ideológica, pois é atravessada por discursos produzidos na sociedade (CARMELINO, 2015). As piadas socialmente construídas baseiam-se na transgressão de regras instituídas socialmente, institucionalmente, regras que se baseiam no “politicamente correto”, e, geralmente, elas têm como tema algum tabu, por exemplo, as piadas étnicas, de gênero, entre outras (MUNIZ, 2004).

No exemplo abaixo, encontramos uma piada que apresenta um determinado efeito cultural que é comum tanto na França, país onde ela foi publicada, quanto no Brasil: a depreciação das loiras pela suposta falta de raciocínio inteligível.



Fonte: <http://loolbook.com/2012/09/phrase-drole-blonde-blaque-sur-les-blondes.html>. Acesso em 04 de junho de 2020

Se traduzíssemos literalmente a piada acima, evidentemente o efeito não seria o mesmo, pois além de se considerar a figura da loira como alguém com pouco raciocínio lógico, existem outros fatores a serem levados em conta, como o de associar as iniciais da grife italiana *Dolce&Gabana* (D&G) às iniciais das palavras direita (*droite*) e esquerda (*gauche*). Tal

tradução literal acarretaria prejuízos à caracterização da piada no seu sentido inicial e, conseqüentemente, ao seu efeito cômico. Ora, dizer “Por que as loiras usam cinto D&G? Porque elas sempre confundem direita e esquerda”, não arrancaria risos da audiência, resultado esperado de uma piada, em vez disso, produziria estranheza, pois não há no português do Brasil relação direta da sigla *D&G* com os termos direita e esquerda, proposta desta piada.

O tradutor, inicialmente, poderia pensar que a piada seria intraduzível, se ele insistisse em manter as circunstâncias em que ela está inserida. Sobre intraduzibilidade, Almeida (2004) a classifica em três categorias: intraduzibilidade linguística, não linguística e circunstancial.

A intraduzibilidade linguística é aquela que se refere a termos únicos de uma língua que não existem em outra. Podemos citar, como exemplo, o termo *caatinga*, em português, que aparece em romances regionalistas. Nas duas traduções de *O Quinze* para a língua francesa, o referido termo foi estrangeirizado por não existir, na língua de chegada, um vocábulo para traduzi-lo e a ele foi indicado uma nota de roda de pé. Rónai (2020) diz que, em casos como esse, o tradutor nem tenta a tradução e “sabendo de antemão que não existe equivalente perfeito, resigna-se a manter o termo primitivo, valendo-se das muletas do grifo, das aspas ou das notas de pé de página” (Rónai, 2020, p. 17). Na intraduzibilidade não linguística, pode haver um termo equivalente linguisticamente, porém com conotação social diferente, como por exemplo, a palavra *banlieue*, cuja tradução mais recorrente seria periferia, mas que, em português brasileiro, não absorve o mesmo conceito social. Já a intraduzibilidade circunstancial “acontece quando o tradutor sabe qual deveria ser a tradução adequada, mas algo no contexto circunvizinho ao material traduzido impede que ele a utilize” (Almeida, 2004, p.3).

Apesar dos tipos de intraduzibilidade acima mencionados, acreditamos que não existe intraduzibilidade de um texto, se considerarmos a possibilidade de se recriar um contexto, uma circunstância, uma situação em que a mensagem e o efeito da piada sejam preservados.

No caso em baila, a dificuldade surge justamente dessa circunstância, pois os vocábulos, apesar de existirem na língua de chegada, não remetem ao mesmo trocadilho. Nesse caso, o tradutor precisará encontrar uma circunstância equivalente na língua de chegada que possa dar conta desse aspecto na tradução. Buscando uma solução para traduzir a piada, encontramos a seguinte saída: Perguntaram a uma loira se ela preferia votar na direita ou na esquerda. Ela respondeu: - Tanto faz, sou ambidestra. Dentre as várias informações contidas no texto de partida, mantivemos a confusão que se faz entre as direções, e acrescentamos a dubiedade que existe entre esses termos e a ideologia dos partidos políticos.

Segundo Eco (2003), o tradutor pode ter a liberdade de substituir os referentes da piada por outros que venham a melhor se adequar às informações culturais da língua de chegada, sem deixar de lado o valor nuclear da informação, no caso, a piada com as loiras, o que vem corroborar com a nossa sugestão.

2.2. OS TROCADILHOS

Outro obstáculo que pode gerar dificuldades na tradução e que representa, por conseguinte, um grande desafio ao tradutor são os trocadilhos. Trocadilho é a

denominação geral para vários fenômenos textuais nos quais características estruturais da(s) linguagem(s) usada(s) são exploradas para ocasionar um confronto comunicativamente significativo de duas (ou mais) estruturas linguísticas com formas mais ou menos similares e significados mais ou menos diferentes. (DELABASTITA, 1996, p.128)

Ainda segundo Delabastita (1996, p.133), “podemos ficar tentados em dizer que trocadilhos e tradução formam um par quase impossível, independentemente do jeito que

Estresse Que nada

Optamos por traduzir *N'eau fatigue*, *N'eau stress*, que remete à célebre frase publicitária *No stress*, por Estresse que nada. O par de palavras “que nada” traz à baila a ideia de desdém, desvalorização se associada à expressão “Que nada!”, e a ideia de lazer, relaxamento, se relacionada ao verbo nadar. Em ambas as associações, acreditamos termos alcançado a noção de despreocupação, de descanso, proposta no texto de partida.

Vejamos a seguir um segundo exemplo:



Fonte: <http://brooklynn91.skyrock.com/3022573804-Blague-de-la-Grece-graisse.html>. Acesso em 04 de junho de 2020

Na imagem acima, o trocadilho acontece com o par de vocábulos homófonos, *Grèce / graisse*, que, se traduzidos literalmente, seriam Grécia e gordura, respectivamente. O efeito cômico surge da resposta que a segunda mulher dá à primeira, visivelmente acima do peso, quando esta última pede para que aquela adivinhe o seu último destino de férias. A resposta dada *graisse* [gordura], que é, na realidade, uma forma de crítica ao seu peso, é associada à palavra *Grèce* [Grécia], dubiedade provocada pela fonologia das duas palavras. Impossível manter este par de vocábulos numa tradução para o português e alcançar o mesmo resultado, pois os dois termos em português não são homófonos.

Por não termos encontrado uma homofonia como recurso para manter o trocadilho em português, a nossa proposta de tradução é: Adivinhe de onde estou voltando das férias? De Volta Redonda? Essa sugestão nos parece uma solução que apresenta o mesmo efeito cômico da frase em francês e adequado para o caso, principalmente se levarmos em consideração o que Rónai (2012, p. 69) diz sobre as escolhas na tradução: “o bom tradutor, depois de se inteirar do conteúdo de um enunciado, tenta esquecer as palavras em que ele está expresso, para depois procurar, na sua língua, as palavras exatas em que semelhante ideia seria naturalmente vazada”.

Burke (2009, p. 16) diz que outra maneira de se discutir a tradução cultural é “falar de um duplo processo de descontextualização e recontextualização, que primeiro busca se apropriar de algo estranho e em seguida o domestica”. O intuito primordial de nossa proposta foi a conservação final da mensagem, que é a alusão à forma física da personagem, recuperando a ideia de peso ao formato redondo, que é largamente utilizado no Brasil quando se refere à

condição fora de forma de uma pessoa. A escolha por uma cidade brasileira foi também uma forma de trazer o trocadilho para uma realidade cultural mais próxima do receptor. Já a utilização do verbo voltar, em vez de estar, conforme o original, foi proposital, para que ele fosse associado à Volta Redonda.

Na nossa proposta de tradução, ao aproximarmos o leitor da sua língua de chegada, reafirmamos o pensamento de Venuti (1995), que explica que o tradutor, antes de iniciar o processo tradutório de uma obra, deve decidir quais são os objetivos da tradução: se é o de levar o autor ao leitor (domesticar) ou o de levar o leitor ao autor (estrangeirizar).

A domesticação se apresenta, portanto, como um excelente recurso no caso da tradução de textos humorísticos, tendo em vista que estes podem conter diversos aspectos culturais, que são, muitas vezes, difíceis de serem traduzidos, e que exigem, por parte do tradutor, algumas adaptações, pois como afirma Schnaiderman (2011, p. 31), o “tradutor não pode ater-se a normas muito rígidas e, em cada caso, tem de fazer apelo à (sic) criatividades”.

2.3. AS METÁFORAS

De acordo com a teórica Schäffner (2004, p.1254), “o fenômeno da metáfora frequentemente tem sido motivo de preocupação entre os estudiosos da tradução, que discutem sobre os problemas de transferência das metáforas de uma língua e cultura para outra”. Como exemplo dessa dificuldade, apresentaremos uma imagem surgida na mídia francesa, na qual lê-se uma frase dita pelo ex-presidente da França, Jacques Chirac.



Fonte: <http://univdroit45.canalblog.com/archives/2006/04/01/1624413.html>. Acesso em 04 de junho de 2020.

A imagem transmite uma mensagem irônica que se obtém associando a frase *C'est d'abord aux jeunes que je pense* [É primeiramente nos jovens que penso] à figura do peixe, que, na França, no dia primeiro de abril, simboliza a mentira. A ilustração surgiu na mídia um dia após à fala do presidente e insinua que sua frase não era verdadeira. Franceses e demais conhecedores dessa cultura não terão dificuldade de entender a mensagem subliminar aí contida. Mas, e o receptor brasileiro? Aqueles que não conhecem essa particularidade não entenderão a mensagem e estranharão seu conteúdo. Como, então, transportar uma metáfora que não apresenta o mesmo sentido na língua alvo sem descaracterizá-la como um todo?

Tendo em vista que na cultura brasileira essa imagem não é associada à mentira, como o é na cultura francesa, uma primeira proposta de solução para este caso seria a de traduzir literalmente a frase do presidente, a mantendo na gravura e, para preservar a informação contida no todo, se faria uma nota explicativa, esclarecendo ao leitor toda a mensagem contida no texto de partida. Esta seria uma solução para não perder o conceito cultural dado através da figura.

Outra proposta seria a associação da imagem do peixe às histórias de pescador, que, na cultura brasileira, são tidas como mentirosas. Para tanto, poderia ser acrescentada, após o nome do presidente, a menção “e sua história de pescador” ou algo do gênero. Estaríamos, mais uma vez, recorrendo à domesticação, nos termos de Venuti (1995), para dar conta do efeito irônico, imprescindível neste caso.

Se nos permitíssemos fazer uma tradução mais ousada, teríamos, como proposta, a de apagar a imagem do peixe e a de inserir a do personagem da cultura italiana Pinóquio, não menos conhecido no Brasil como um grande mentiroso. Se assim o fizéssemos, estaríamos, como afirma Burke (2009), recontextualizando o original, dando-lhe um novo “visual”, o que garantiria a manutenção da mensagem através de uma imagem reconhecida na cultura de chegada.

Entendemos que para traduzir essa mensagem, além de manter seu conteúdo, seria primordial garantir o efeito que o autor do texto de partida quis provocar no leitor, seja através da manutenção dos mesmos elementos, ou da descontextualização de um deles para um contexto familiar do leitor da língua de chegada.

3. CONCLUSÃO

Traduzir é permitir que outros conheçam textos escritos em línguas que eles não conhecem. É intermediar esse contato, possibilitando a troca de conhecimento. A atividade de tradução enfrenta, em alguns casos, complexidades que podem nos levar, às vezes, a situações de difíceis soluções.

De imediato, com os exemplos de nossa breve análise, percebemos o quanto uma língua está permeada por especificidades linguísticas, culturais, circunstanciais que constituem grandes desafios para os tradutores. Além disso, ressaltamos a importância de se manter, na tradução, o mesmo efeito (humorístico, irônico, entre outros) que o autor do texto de partida quis provocar no leitor. Acreditamos que, por maior que seja o desafio, o tradutor deverá sempre procurar uma solução.

Gostaríamos de destacar que a criatividade e a persistência do tradutor são requisitos importantes que podem contribuir positivamente para solucionar os problemas impostos pela tradução. Pensamos que o tradutor precisa exercer uma certa liberdade, sem a qual seria impossível traduzir. E aqui cabe lembrar uma forte constatação dada por Schanaiderman (2011, p. 18) sobre o trabalho do tradutor: “o arrojo, a ousadia, os voos da imaginação, são tão necessários na tradução como a fidelidade ao original, ou melhor, a verdadeira fidelidade só se obtém com esta dose de liberdade no trato com os textos”.

Concluimos afirmando que a tradução permite a reconstrução do texto de partida, apresentando novos costumes, uma nova realidade a partir de um contexto social diferente. Por fim, esperamos, através deste trabalho, contribuir com as pesquisas e teorias existentes que ajudem o tradutor a refletir sobre algumas soluções para a tradução de piadas, trocadilhos e metáforas.

4. REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Virgílio P. As dificuldades do mau e do bom tradutor. **Humanitates**, Brasília, DF, v.1, n.1, set. 2004. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/258223157_As_dificuldades_do_bom_e_do_mau_tradutor. Acesso em: 18 jun. 2020.

BASSNETT, Susan. **Estudos de tradução**. Lisboa: Edição da Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

- BREMMER, Jan; ROODENBURG, Herman (org). **Uma história cultural do humor**. Tradução Cynthia Azevedo, Paulo Soares. Rio de Janeiro: Record, 2000. 300 p. Título original: A cultural history of humour : from antiquity to the present day.
- BURKE, Peter. Culturas da tradução nos primórdios da Europa Moderna. *In*: BURKE, Peter; HSIA, Ronnie Po-chia (org). **A tradução cultural nos primórdios da Europa Moderna**. São Paulo: Unesp, 2009. p.13-46.
- CAMPOS, Haroldo de. **Metalinguagem & outras metas**. 4ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- CARMELINO, Ana Cristina. Piada de brasileiro: para além da representação regional. **Estudos linguísticos**, São Paulo, v. 44, n.3, p. 928-941, set./dez. 2015. Disponível em: <https://revistadogel.emnuvens.com.br/estudos-linguisticos/article/viewFile/1026/607>. Acesso em: 19 jun. 2020.
- DELABASTITA, Dirk. **WordplayandTranslation**. 2. ed. New York: Routledge, 1996.
- ECO, Umberto. **Dire presque la même chose**. Trad. Myriem Bouzaher. Paris: Le livre de Poche, 2010
- MUNIZ, Kassandra. **Piadas: conceituação, constituição e práticas: um estudo de um genero**. 2004. 158p. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/270788>. Acesso em: 4 ago. 2020.
- POSSENTI, S. **Os Humores da Língua: análises linguísticas de piadas**. Campinas, São Paulo: Mercado de Letras. 1998.
- PYM, Antony. **Explorando as teorias da tradução**. São Paulo: Perspectiva, 2017.
- QUEIROZ, Rachel. **O Quinze**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2016.
- _____. **L'année de la grande sécheresse**. Trad. Didier Voïta e Jane Lessa. Paris: Stock, 1986.
- _____. **La terre de la grande soif**. Trad. Paula Anacaona. Paris: Editions Anacaona, 2014.
- RÓNAI, Paulo. **A tradução vivida**. Rio de Janeiro: José Olympo, 2012.
- _____. Escola de tradutores. Rio de Janeiro: José Olympo, 2020.
- SCHÄFFNER, C. Metaphor and translation: some implications of a cognitive approach. **Journal of Pragmatics**, v. 36, n. 7, p. 1253–1269, 2004.
- SCHANAIDERMAN, Boris. **Tradução, ato desmedido**. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- TEJERINA MARTÍNEZ, Anjana. Estrategias tradutoras frente a los juegos de palabras: eldoblaje de los Hermanos Marx en España. *In*: ORTEGA ARJONILLA, Emilio; CANDEL MORA, Miguel Ángela (org.). **Interculturalidad y traducción en cine, televisión y teatro**. Valência: Tirant Humanidades, 2012. p.9-36.

VENUTI, Lawrence. A invisibilidade do tradutor. Tradução de Carolina Alfaro. **Palavra**, n. 3, p.111-134, 1995.